

Lie To Me: uma análise da identificação de mentiras à luz da literatura

P.V.A. Menezes^{a,*}, J. Tejada^a

^a Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Psicologia, São Cristóvão (SE), Brasil

*Endereço de e-mail para correspondência: pablo.v@hotmail.com. Tel.: +55 (79) 99892-5178

Recebido em 04/05/2023; Revisado em 16/11/2023; Aceito em 19/12/2024

Resumo

Objetivo: Estudar como a identificação de mentiras na comunicação humana é abordada em cenas selecionadas do seriado de televisão *Lie To Me* a partir da análise de 6 canais - voz, conteúdo linguístico, estilo interacional, psicofisiologia, movimentos faciais e movimentos corporais. Método: Estudo descritivo. Realizou-se a seleção das cenas de maior conteúdo teórico escolhidas através de inspeção visual e sua contraposição com a literatura supostamente inspiradora da série e com bibliografia complementar. Classificou-se as cenas por canais de análise de mentira e enquadradas em, pelo menos, um dos seis canais, bem como em cenas adicionais secundárias. Transcreveu-se todas elas para o corpo do texto, contendo tempo de cena, personagens inclusos, contexto e local e falas respectivas. Resultados: As doze cenas eleitas apresentaram respaldo científico, mas também demonstraram caricaturas da identificação de mentiras que mereceram ressalvas. Encontrou-se mais cenas no canal dos movimentos faciais e menos no canal do conteúdo linguístico. Conclusão: A análise das cenas revelou discordância teórica com os autores da bibliografia selecionada, o que dificulta o processo real de identificação. De resto, as passagens analisadas demonstraram, para o imaginário popular, a importância das expressões faciais na detecção do engano, bem como alimentou uma visão romantizada da existência de uma habilidade sobre-humana de identificação de mentiras.

Palavras-chave: Detecção de mentiras; Ciência Forense; Séries de televisão; Análise Multicanais; Emoções.

Abstract

Objective: To study how the identification of lies in human communication is approached in selected scenes of the television series "Lie To Me" based on the analysis of 6 channels - voice, linguistic content, interactional style, psychophysiology, facial movements and body movements. Method: Descriptive study. The selection of scenes with greater theoretical content was carried out through visual inspection and their contrast with the supposedly inspiring literature of the series and with complementary bibliography. Scenes were classified by lie analysis channels and framed in at least one of the six channels, as well as in additional secondary scenes. All of them were transcribed into the body of the text, containing scene time, characters included, context and location and respective speeches. Results: The twelve chosen scenes had scientific support, but also showed caricatures of the identification of lies that deserved reservations. More scenes were found in the facial movements channel and less in the linguistic content channel. Conclusion: The analysis of the scenes revealed theoretical disagreement with the authors of the selected bibliography, which makes the real identification process difficult. Moreover, the analyzed passages demonstrated, for the popular imagination, the importance of facial expressions in detecting deception, as well as fueling a romanticized view of the existence of a superhuman ability to identify lies.

Keywords: Lie detection; Forensic Science; TV shows; Multichannel Analysis; Emotions.

1. INTRODUÇÃO

1.1. *Lie to me* e sua contextualização científica

Lie To Me é uma série de televisão de investigação policial e psicológica que se inspirou no trabalho do psicólogo americano Dr. Paul Ekman, vanguardista a correlacionar as emoções com as expressões faciais [1]. A proposta da série é usar da detecção de mentiras, da

sensação de controle causada e do seu respaldo científico para atrair a atenção, cativar o grande público leigo no assunto e gerar audiência para si através do entretenimento televisivo [2].

Segundo a literatura, quando uma pessoa dissimula, ela tende a fornecer uma série de indícios comportamentais, dentre eles, podem ser citados: pistas gestuais e corporais, mudanças faciais e paralinguísticas

[3]. Dessa forma, apesar de existirem autores que defendem ainda a inexistência de provas concretamente suficientes acerca de qualquer possibilidade de identificação confiável das mentiras por qualquer tipo de canal de observação e análise ou tenham ressalvas fortes quanto a determinados canais [4-9], é possível encontrar na literatura científica teorias consistentes e pesquisas respaldadas que servirão de norte para o presente estudo descritivo [10-18].

Assim, o presente artigo fará uso da tipificação trazida em [15], segundo a qual a análise de mentiras qualificada se dá por meio da observação de sinais enquadrados em, pelo menos um dos seis canais: voz, conteúdo linguístico, estilo interacional, psicofisiologia, movimentos faciais e movimentos corporais.

1.2. A mentira e sua detecção

A dissimulação é uma característica tão central na vida que um melhor conhecimento desta será relevante para a compreensão de quase todos os comportamentos humanos [12]. Dentre eles, podem-se citar situações como a de dissimular em uma festa ao receber um prato que não se gosta, ou quando um político dissimula, ao garantir tranquilidade para população, mesmo em meio ao caos econômico [3].

Além disso, de acordo com [3], grande parte da comunicação humana se passa fora da consciência, de maneira que a relevância das palavras é apenas parcial. Uma vez que se deve confiar para sobreviver, por outro lado, também se deve mentir para sobreviver [17]. Assim sendo, a mentira coloca em grande vantagem aquele que consegue se safar [17]. Por isso, segundo [17], a mentira é usada com diferentes objetivos: que visam desde à autoproteção ou à proteção de terceiros, como também à fuga de punição, à privacidade pessoal e a evitar o constrangimento. Assim sendo, um indivíduo pode mentir que está se demitindo por questões pessoais após ser coagido a fazê-lo, como também uma criança pode enganar a mãe para se esquivar de um castigo [17].

Sendo assim, a identificação do engano toma diferentes formas e contextos e se apresenta enquanto parte integrante do nosso convívio social. Além de que, de acordo com diversos autores [3,13,17-19], a mentira é necessária em muitos momentos da vida do homem, tais como para se defender de uma punição injusta e para evitar constrangimento. De acordo com a literatura [18], existem, inclusive, mentiras que são aceitas como parte da interação normal entre os seres humanos, como por exemplo, quando uma pessoa consente com a beleza da roupa de um amigo ou amiga mesmo não gostando dela.

Ekman [13] estudou e demonstrou, com exemplos e casos reais, que existem diferentes maneiras de mentir: fazer conteúdo inverídico parecer ou se passar por verídico; omissão; contar a verdade falseando-a; exagerar

o que é fato; demonstrar sentimento autêntico, mas atrelado a uma falsa origem; dizer a verdade de maneira sarcástica ou, até mesmo, apresentar discurso genuíno, mas pela metade.

Nesse sentido, sendo a mentira uma escolha deliberada para enganar um alvo sem dar qualquer notificação da intenção de fazê-lo [12], a sua identificação, em situações nas que se mente para fugir de uma possível punição, deve se dar igualmente de maneira sorrateira e desavisada [12], visando a não interferir no processo devido à ciência do mentiroso de que foi identificado o engano por um terceiro, pois isso o fará mudar o seu comportamento. Ademais, é convergência entre os teóricos [3,13,15,17,18] a imprescindibilidade de uma análise multifatorial da mentira e da triangulação de dados para uma detecção mais precisa e consistente. Assim sendo, o método SCANs [15] apresenta-se enquanto a versão mais completa para a referida análise pautada em sinais enquadrados em, pelo menos um dos seis canais: voz, movimentos faciais, movimentos corporais, estilo interacional, conteúdo linguístico e psicofisiologia.

1.3. Problema e justificativa de pesquisa

Tendo em vista a grande importância do tema no âmbito da psicologia aplicada em contextos criminais, como os verificados na série, bem como na pesquisa das emoções, comportamentos e interações humanas [3,17,19-21], o presente artigo descritivo visa a estudar a identificação de mentiras à luz da literatura e da contextualização da série *Lie To Me*, apresentando uma visão crítica em relação ao seriado e apontando para os possíveis erros de análise enviesados que foram detectados na produção e tendo em vista a suposta prioridade de entretenimento midiático do conteúdo [2].

Utilizaram-se, principalmente, as teorias e estudos de Paul Ekman, haja vista sua referência central para a produção seriada [1], mas também literatura complementar, como o trabalho da análise de 6 canais proposto por [15] - voz, conteúdo linguístico, estilo interacional, psicofisiologia, movimentos faciais e movimentos corporais.

Ademais, é necessário salientar a problemática recorrente da simulação e dissimulação em perícias, principalmente com o objetivo de obter ganhos [22]. Assim sendo, o artigo é igualmente interessante para os especialistas em linguagem facial, corporal, outros peritos que trabalham com interrogatório e detecção de mentiras, seja no contexto criminal ou não, além de pesquisadores do tema, pois contextualiza as cenas analisadas com as teorias e com os mecanismos de detecção de mentiras enquadrados nos critérios de [15], e, assim sendo, acaba por expor como os conceitos teóricos podem ser demonstrados ou deturpados a depender da maneira como

são colocados dentro dos diferentes contextos trazidos e vividos por Carl Lightman e seus amigos da série.

2. METODOLOGIA

A pesquisa consistiu na análise científica e busca comparativa na literatura pela maneira como a detecção de mentiras é encenada e contextualizada em cenas selecionadas da série *Lie to Me*, originalmente transmitida entre os anos de 2009 e 2011 e retransmitidas no Brasil pela Globo e Record em versão brasileira “Engane-me se Puder”. Para tanto, utilizou-se literatura relacionada com os conceitos apresentados na série derivada do psicólogo americano Paul Ekman [23], mas também bibliografia complementar com argumentos apoiadores e divergentes.

A série e suas cenas foram obtidas e transcritas através de inspeção visual e correlação da literatura. Assim sendo, para que fosse possível o estudo científico e tendo em vista o caráter criminal e investigativo da série, foram levantadas as cenas de maior quantidade de informações teóricas relacionadas à identificação de mentiras voltadas à esquiva de punição para si e/ou terceiros. Ademais, procurou-se verificar o quanto as atitudes e proposições dos personagens são embasadas cientificamente e respaldadas em pesquisas, experimentos e opiniões de especialistas. A série e suas cenas foram retiradas da plataforma de streaming Star +. Além disso, a busca englobou artigos científicos experimentais ou de revisão de literatura, trabalhos acadêmicos de teses de mestrado e livros reconhecidamente notados que tratam do tema estudado.

A fim de facilitar o trabalho e respaldar as referências, foram trazidas, no corpo do texto, cenas distribuídas ao longo de toda a série, contexto e local, falas transcritas, intervalo de tempo dentro do episódio, personagens inclusos e informações relevantes acerca deles. Além disso, elas foram agrupadas em um ou mais de um dos seis canais de análise defendidos por [15], bem como em cenas adicionais.

É necessário salientar que as cenas adicionais ajudam a compreender toda a temática e acabaram se tornando relevantes à medida que a busca à literatura revelou conteúdo teórico circundante presente no próprio seriado. Foi trazida uma cena exemplo de cada situação pontual com ênfase às situações particulares que envolvem diversidades culturais, de contextos com questões éticas e entrevistas com crianças e suas implicações na identificação de mentiras. Destacou-se, também nesse grupo, dois momentos em que houve cautela e prudência profissional por parte dos personagens envolvidos.

Para fins de realização dessa pesquisa, foi utilizado o método de estudo descritivo, o qual visa ao estudo, anotações e apreciações dos eventos do mundo, sem adulterá-lo ou modificá-lo. Cabendo-se apenas a descoberta da periodicidade de acontecimento do

fenômeno ou como ele se apresenta dentro de dado método, arranjo, realidade operacional ou processo. Ademais, visou-se à correlação da série aos conteúdos encontrados, expondo convergências e divergências e a utilizando como norte exemplificador e ilustrativo das teorias em questão.

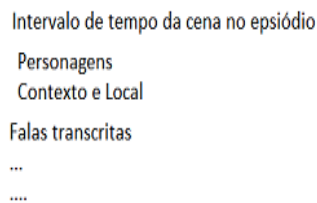


Figura 1. Ilustração da Esquematização das Cenas Transcritas. Fonte: Elaboração Própria

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Após uma inspeção visual detalhada dos 48 episódios distribuídos em 3 temporadas da série, identificamos doze cenas com informações teóricas relevantes para a literatura sobre detecção de mentiras. Destas, dez estão na primeira temporada e duas na segunda. As cenas foram categorizadas em diferentes canais de comunicação: duas no canal de voz, uma no canal de conteúdo linguístico, duas no canal de estilo interacional, quatro envolvendo movimentos faciais, três com movimentos corporais, duas em psicofisiologia, além de sete cenas adicionais (Tabela 1).

Grupo de análise	Número da tabela com Cena Correspondente
VOZ (V)	2; 12;
CONTEÚDO LINGUÍSTICO (C)	3
ESTILO INTERACIONAL (E)	2; 4;
MOVIMENTOS FACIAIS (MF)	5; 6; 10; 13;
MOVIMENTOS CORPORAIS (MC)	6; 7; 12;
PSICOFISIOLOGIA (P)	2; 8;
CENAS ADICIONAIS (A)	5 (conclusão equivocada); 6 (uso do polígrafo; conclusão equivocada); 9 (interrogatório com crianças); 10 (importância da identificação de mentiras para o psicólogo); 11 (implicações de conclusões profissionais precipitadas); 12 (cautela na identificação de mentiras); 13 (questão cultural e universalidade de expressão facial);

Tabela 1. Cenas das tabelas Agrupadas por Canal de Análise. Fonte: Elaboração Própria

10min 55s – 12min 09s

Personagens: Carl Lightman (homem branco por volta dos 40 anos) - C; Eli Locker (homem branco por volta dos 30 anos) - E; Ria Torres (mulher latina de 25 anos) - R; H1 (funcionário da polícia por volta dos 35 anos); Jenkins (suposto serial killer homem negro por volta dos 30 anos) - J;

Contexto e local: Carl Lightman entrevista o serial killer no aquário sob observação de Eli Locker, funcionário do governo e posteriormente Ria Torres após ter sido pego em tentativa de espionar seu comportamento se passando por penetra na cadeia. Carl tenta estabelecer um parâmetro de comparação comportamental e estilo interacional para o sujeito.

C: Sabe quem é o imitador?
J: Não.

C: Qual é o nome da sua mãe?
J: Gina.

C: Não. É Margaret.
C: Onde nasceu?
J: Nebraska.

C: Não. Georgia. Em que escola estudou?
J: Não estudei.

C: Então o semestre em que foi expulso da Southern Iowa State não conta?
H1: O que é que ele está fazendo?
E: Eu estou concentrado.

H1: Olha aí. Eu poderia estar seguindo 10 pistas diferentes agora. Então você vai explicar porque Jenkins está fazendo mais um teste inútil de polígrafo.

E: Ok. Por onde vou começar? Eu estou monitorando estresse vocal, temperatura da pele, pressão sanguínea... o que não chega nem perto do que Lightman está vendo lá e do que as câmeras...

H1: Está bom. Já chega.
R: Como está indo?

E: Jenkins está mentindo sobre tudo. Não vai deixar estabelecermos um parâmetro de reações quando diz a verdade.
R: Olha. Parece que achei um suspeito nas cartas dos fãs. Toda semana esse cara manda desenhos nojentos dos crimes do Jenkins.
H1: Aqui. Deixa eu ver.

E: Bom. É uma pessoa doente, mas não é o nosso cara.
H1: Como você sabe? Me fala?

E: Posso saber porque ele fantasia sobre ações passadas. E nós procuramos alguém que faça planos sobre o futuro.

Tabela 2. S1E12: Eli Locker Usa Voz Como Um dos Critérios de Análise do Engano. Fonte: Star+

A série contextualiza o uso de mais de um canal de análise do engano assim como verificado na **Tabela 2**. Dentro do recorte desta Tabela, exemplifica-se o canal da voz, o qual usa, seja por meio observacional ou prioritariamente ao se valer de aparelhos medidores de estresse vocal, da análise da ondulação, da intensidade e da frequência do som para encontrar indícios de dissimulação [3,15]. Na cena da **Tabela 2**, usa-se o polígrafo criteriosamente. Na situação em questão, os investigadores têm a intenção de avaliar ansiedade, mudança de padrão comportamental, além de fazerem o uso de aparelhos que verificam estresse vocal e do uso da inspeção visual propriamente dita, seja por meio das câmeras ou não. Ademais, apesar de Jenkins conseguir dificultar o processo mantendo as mentiras por bastante tempo, Lightman realiza um interrogatório de controle inicial para o monitoramento do padrão comportamental

prévio do entrevistado ao fazer perguntas para as quais já conhece a resposta e visando a estabelecer as reações emocionais comuns a Jenkins quando ele fala a verdade, assim como defendido por diversos autores [3,13,17,18]. Além disso, a análise dos desenhos recebidos por Eli Locker na cena da **Tabela 2** recebe crítica de [24], pois não se pode chegar à conclusão tão equivocada e rápida a partir de desenhos isolados sem mais informações e sem uma análise psicológica associada a entrevistas e possivelmente testes controlados e válidos.

23min 27s – 24min 16s

Personagens: Gillian Foster (mulher branca por volta dos 40 anos); Ria Torres; Congressista – H2 (homem branco por volta dos 50 anos);

Contexto e local: Cena se inicia em sala de entrevistas em que Gillian faz perguntas a congressista acusado de envolvimento com prostituição e finaliza em avaliação na sala do prédio do grupo Lightman feita através de vídeo e análise do discurso verbal realizada entre Gillian e Torres.

G: Onde estava na sexta à noite?
H2: Eu fui nadar no lago dos congressistas, depois fui para casa ler uns documentos do comitê.
G: Continue.

H2: Eu jantei sozinho antes de ir para um evento da maçonaria.
G: Muito bem. Agora de trás pra frente.
H2: O que?
G: Comece pelo final da noite.
H2: Antes do evento da maçonaria.... como eu já disse... eu li uns documentos e antes do disso...
R: Está mentindo descaradamente.

G: É. Está sim. Quando se mente é difícil contar a história invertida. Não há memória real do que aconteceu. Mentirosos ensaiam sua história em ordem. Não ensaiam invertendo.

Tabela 3. S1E1: Gillian Foster Faz Uso do Canal do Conteúdo Linguístico para Identificar Mentira. Fonte: Star+

A cena da **Tabela 3** abordada é exemplo do canal Conteúdo Linguístico, o qual faz uso da investigação da prosódica, observando algumas propriedades que compõem a fala e o discurso, tais como confusão no emprego de tempo verbal e linguagem distante [15,25]. Observa-se, ainda na **Tabela 3**, uma outra situação com respaldo teórico de [3], ao Gillian Foster levantar a incongruência do discurso e o ensaio da mentira frequente por parte dos mentirosos, destacando as vacilações na fala do analisando. Inclusive, segundo [3]: vacilações, falsos começos e repetições são normais durante uma conversa, mas as perturbações recorrentes podem significar insegurança, impressão de incompetência, pouco interesse ou ansiedade. Em alguns casos, tais perturbações podem indicar dissimulação. Ademais, algumas pessoas parecem ficar extremamente fluentes durante o fingimento. No entanto, se o discurso for analisado com cautela, pode-se verificar o quanto é reiterado e raso. Assim, o mentiroso usa a repetição para lograr tempo para pensar em uma nova mentira [4], tal qual evidenciado na cena da **Tabela 3**, quando Foster destaca as oscilações na fala do Congressista durante o inquérito.

No recorte da **Tabela 4**, exemplifica-se o canal Estilo Interacional, critério em que o avaliador se utiliza da observação de padrões comportamentais para detecção da mentira, assim como descrito por [3], bem como [15]. Nele se observa uma das raras situações analisadas em que Lightman é pego na mentira. Apesar de posteriormente à cena da **Tabela 4**, dentro do mesmo episódio, o personagem se sobressair, o caso demonstra que a observação minuciosa do padrão comportamental do protagonista pelo Jenkins, revelou a mentira: Jenkins detectou que Lightman estava se passando por um prisioneiro com segundas intenções sobre ele. Ainda segundo [13], algumas vítimas podem ocultar sua descoberta de terem sido enganadas para se divertirem ao inverter a situação e, por um tempo, observar o mentiroso continuar a tecer suas invenções sem saber que a vítima agora sabe que tudo é falso, assim como observado na cena da **Tabela 4**, quando a dissimulação de Lightman foi finalmente notada por Jenkins após um período de fingimento.

06min 14s – 06min 26s
Personagens: Carl Lightman; Jenkins - J (serial killer negro homem por volta dos 30 anos);
Contexto e local: Na cadeia, Carl se passa por novo presidiário, mas é desmascarado por Jenkins, que conclui a partir da observação do seu discurso/conversa e interação comportamental.
J: Quem é você? Não é assassino de policial.
C: É o que vivo dizendo pro meu advogado.
J: Não. Você é uma farsa. Quem te mandou aqui? O agente especial Reinalds?

Tabela 4. S1E12: Discurso Enganoso de Lightman é Identificado através do Seu Estilo Interacional. Fonte: Star+

Nas **Tabelas 5 e 6** têm-se as cenas introdutórias e mais ricas de detalhes científicos. Trazidas de exemplo para o canal dos Movimentos Faciais, o qual faz uso de expressões faciais que são inconsistentes com seus discursos, linhas de base e/ou contextos para identificar a dissimulação [15]. Ainda segundo [13,16], as expressões tendem a ser universais e servirem de ótima fonte de informação acerca da verdade e da dissimulação, tal qual defendido por Lightman na primeira fala em destaque da cena em questão. Todavia, os autores [3,13,18] também defendem que nenhuma pista de engano, no rosto, corpo, voz ou palavras, é infalível, nem mesmo a atividade do sistema nervoso autônomo medido pelo polígrafo, o que contradiz a fala final de Lightman na **Tabela 5** ao afirmar que “*a verdade está nítida nos rostos humanos*”.

Já a cena da **Tabela 6** serve, em sua maior parte, de exemplo de um momento de grande relevância e congruência da série com a literatura, no qual os produtores fazem questão de criticar e satirizar o uso do polígrafo. Esse instrumento, ainda de acordo com a bibliografia [13], é extremamente falho ao reduzir a detecção de mentiras à manifestação de ansiedade e, por isso, acaba incorrendo em erros. Lightman sai então em

defesa do uso das expressões e microexpressões faciais. Fatores esses tão estudados e correlacionados para a identificação do engano por Ekman. Porém, da mesma forma que na cena da **Tabela 5**, Lightman finaliza a cena da **Tabela 6** com uma conclusão equivocada baseada em um fator isolado de linguagem corporal: ao afirmar que o simples recuo do personagem demonstra a mentira de sua parte.

2min 10s – 3min 55s
Personagens: Carl Lightman; público (homens e mulheres de idades e raças diversas) - P;
Contexto e local: Em palestra para adultos em grande auditório, Lightman expõe vídeo gravado em entrevista à terrorista para explicar a técnica de análise do comportamento não-verbal e seu estudo sobre emoções e identificação de mentiras.
C: O que viram foi uma breve expressão de felicidade em seu rosto, mesmo que ele fizesse muito esforço para esconder. Menos de 1/5 de segundo. É o que chamamos de microexpressão. Observem a boca dele. O sujeito está secretamente feliz quanto ao local que procuramos, indicando que erramos o local. Agora, do plano novo e...
P: Isso é papo furado.
C: O clássico levantar de um ombro só. Tradução: ‘não tenho a menor confiança no que acabei de dizer’. O corpo contradiz as palavras. Está mentindo.
P: Quando você acusa um suspeito e ele age com certeza. Como saber se é verdade ou se está tentando parecer inocente?
C: [atira objeto na plateia de repente] Isso é uma surpresa real. A expressão dura menos de um segundo. Agora, se o suspeito leva mais de um segundo, está fingindo. Está mentindo. Agora eu falei que seu alvo era na verdade Lawton e observem de novo desprezo ocultado. Uma dica pessoal: se virem essa microexpressão no rosto de seus conjugues, seu casamento está chegando ao fim. Confie em mim.
P: Essas expressões não mudam de pessoa para pessoa?
C: Vamos dar uma pausa aqui e vamos à filmagem de Kato Kaelin no julgamento de O.J. Desprezo, desprezo, desprezo enorme, vergonha, vergonha e vergonha. Desdém... Essas expressões são universais. As emoções são iguais, seja você uma dona de casa ou um terrorista suicida. A verdade está estampada em nossas caras.

Tabela 5. S1E1: Carl Explica Lógica dos Movimentos Faciais na detecção da dissimulação. Fonte: Star+

A passagem da **Tabela 7** foi trazida para ilustrar o canal dos Movimentos Corporais. Nesse critério, utiliza-se da associação de alterações na linguagem corporal antes e durante o ato de mentir, já que o inconsciente humano deixa várias pistas sutis que podem contradizer as palavras [15,17]. De acordo com a literatura, nosso corpo diz muita coisa sobre nosso inconsciente e atitudes/pensamentos velados [3]. Porém, Eli Locker incorreu em mais um exemplo de conclusão precipitada. Segundo [18], os mentirosos podem mover menos o corpo do que o normal ao tentarem falsear os movimentos corporais e esconder a necessidade de se afastar [18], diferente da conclusão de Eli Locker, a qual se pauta no aumento de movimentos de manipulação por parte de Nadia, tais como tocar o relógio e o brinco, para afirmar presença de mentira.

1min 6s – 2min 58s

PERSONAGESN: Carl Lightman; Gillian Foster; Funcionário público 1 – H3 (homem branco por volta dos 40 anos); Funcionário público 2 – H4 (homem branco por volta dos 45 anos); Funcionário público 3 – H5 (homem branco por volta dos 40 anos); Senhorita Cooper mulher branca por volta dos 20 anos);

CONTEXTO E LOCAL: Pessoal da segurança nacional solicita avaliação de Carl acerca da eficiência do novo polígrafo em local desconhecido. Carl faz analogia com ovo, faz experimento inusitado com mulher atraente e defende o uso das microexpressões faciais na identificação de mentiras.

H3: Mas o que é isso?

C: É um detector de mentiras. Os africanos foram os primeiros a usar. Durante o julgamento os acusados seguravam um ovo nas mãos. Se ele quebrasse, era sinal de ansiedade. Era declarado culpado.

H3: Esse nosso portátil é um pouco mais moderno.

C: Infelizmente os dois aparelhos têm o mesmo problema.

C: Senhorita Cooper, pode entrar.

Co: Permite?

C: Pode fazer as perguntas novamente, por favor?

H3: O que está fazendo?

G: Oi, trabalha para o departamento de segurança nacional?

H4: Sim.

C: Ou... ou...

[falso – máquina acusa]

Co: Você tem cabelo preto?

H4: Sim.

C: Opa.

[falso – máquina acusa]

C: O problema com os polígrafos são os falsos positivos.

G: Mesmo os inocentes podem falhar com o aumento de qualquer emoção. Raiva, medo, excitação sexual e não apenas culpa. Seu polígrafo não é melhor do que o ovo ao definir à qual emoção estão respondendo.

H3: Não.

[ovo quebra]

C: Há anos que eu queria testar isso você foi declarado culpado. Mas só estava com raiva. Devia gastar seu dinheiro testando a face. 43 músculos combinados para produzir a possibilidade de 10 mil expressões. Se aprender todas, não precisará de polígrafo.

H3: Quanto gastamos nessa porcaria de projeto afinal?

H5: Não muito. Podemos recuperar a maior parte dos custos.

[homem cruza os braços e dá para trás]

C: Mas que beleza.

H5: O que?

C: Ele fez o gesto de recuo.

H5: E o que é?

C: Passo pra trás. Significa que não acredita no que diz. Mentiu.

Tabela 6. S1E2: Carl intervém contra o uso do polígrafo em favor das expressões faciais para detecção da mentira. Fonte: Star+

Na **Tabela 8**, há uma cena em que se analisam critérios puramente psicofisiológicos para chegar a conclusões acerca de um caso de homicídio. Na cena em questão, os personagens observam a dilatação da pupila de um suspeito de homicídio analisando como evidência fisiológica da mentira, tal qual defendido na literatura através do uso de parâmetros de incremento de adrenalina, do aumento da ansiedade, da análise de ondas cerebrais e, até mesmo, do comportamento neural [15,26] que podem ser analisados, inclusive, através de aparelhos, como o Polígrafo e o Termógrafo [26]. Assim sendo, a ressalva de Eli, em defesa do jovem acusado, demonstra certa destreza em perceber que não apenas a ansiedade é

causadora de aumento de adrenalina e da dilatação pupilar, mas também a excitação sexual. Ao associar às demais informações colhidas, os cientistas, posteriormente na série, chegam a conclusões de que o garoto estava apaixonado pela professora e, portanto, não tinha intenção de matá-la.

27min 40s – 28min 40s

Personagens: Eli Locker; Ria Torres; Kachani - K (homem branco rico por volta dos 35 anos); Nadia (mulher branca por volta dos 25 anos);

Contexto e local: Em prédio do grupo Lightman, Eli apresenta interpretação de entrevista de mulher a mando do seu companheiro curioso sobre interesse financeiro da companheira no relacionamento.

E: Dê uma olhada nisso senhor Kachani.

N - vídeo: [Temos 4 bases, 3 strikes 2 times, mas apenas 1 vencedor]

E: Essa é a Nadia falando a verdade. Ela fala com as mãos: chamamos de ilustradores, mas quando perguntamos se conhecia quem o senhor era quando se conheceram....

N - vídeo: [É. Foi bem engraçado. É claro que eu tinha ouvido falar dessa empresa, mas não fazia ideia de quem ele era. Eu vi um cara adorável, sentado bem ali no bar].

E: Sem ilustradores. As mãos estão no colo.

R - vídeo: [Engraçado. Deve ser estranho para alguém da Nort Columbus namorar um cara tão rico].

E: Em vez disso ela toca o relógio e o brinco: manipuladores. Quando os ilustradores diminuem e os manipuladores aumentam: se coçar, lambe os lábios... nesse caso, tocar nas joias é sinal de mentira.

K: Não acredito nisso.

E: Não importa o que tenha dito, ela sabia quem o senhor era quando se conheceram.

Tabela 7. S1E9: Eli Locker se Precipita na Constatação de Mentira Apenas pelo Critério Isolado da Movimentação Corporal Fonte: Star+

25min – 25 min 22s

Personagens: Gillian Foster; Carl Lightman;

Contexto e local: Em sala do prédio do Grupo Lightman, Gillian e Carl analisam vídeo da entrevista com garoto suspeito de homicídio contra a professora.

G: A mesma expressão de vergonha.

C: Aproxime dele. Eu quero ver a pupila.

G: Totalmente dilatada. E não é de medo ou de raiva.

C: Bom, e o que mais faz as pupilas dilatarem?

G: Excitação sexual. Acha que havia algum relacionamento sexual entre James e a professora?

C: Deve ser isso que os pais estão escondendo.

Tabela 8. S1E9: A Inspeção do Canal Psicofisiologia através do Vídeo Gravado. Fonte: Star+

Na **Tabela 9**, há a cena em que, posteriormente a um incêndio, já no hospital em que se internaram as vítimas, Lightman intervém com a principal testemunha ocular da situação origem do evento: um menino que está acompanhado da sua mãe. Nela, o personagem principal Lightman e sua atitude atrapalham o processo científico quando se vale de conclusões equivocadas para pressionar um garoto a confessar algo que acredita ser a verdade: que não foi o jornalista e ex-amigo do pai da criança o real autor do incêndio investigado. Essa situação específica foi escolhida para destacar as Cenas Adicionais e aborda um

fator crucial que deve ser objeto de cautela do entrevistador: sua atitude e comportamento durante a entrevista [3,13,17]. Ainda segundo Meyer, tanto a pressão psicológica da entrevista, quanto a ciência do entrevistado acerca da ciência do entrevistador com relação ao discurso enganoso já identificado no primeiro mancham o processo de identificação de mentiras e dificultam posteriores interlocuções entre os dois [17], sendo contrária à essa recomendação a atitude de Lightman em desmentir o garoto. Consoante [18], também aponta que deve ser cauteloso ao dialogar com uma criança: caso a pressione demais, ela vai admitir a maioria das coisas, independentemente de qualquer culpa, ou dirá o que acha que o entrevistador quer ouvir [18]. Por outro lado, nunca se deve revelar que se sabe que uma criança mentiu, pois se ela achar que se deu bem dessa vez, naturalmente usará o mesmo método da próxima vez [18], e isso foi observado através da fala imperiosa do personagem principal ao demandar uma verdade mesmo após o garoto ter reiteradamente dado seu depoimento pessoal.

3min 35s – 4min 27s

Personagens: Criança 1 – B1 (garoto branco por volta dos 8 anos); Carl Lightman; Gillian Foster; Mãe 1 – A1 (mulher branca por volta dos 30 anos);

Contexto e local: Em hospital, Lightman entrevista criança sentada acerca de origem do incêndio que ocasionou morte da sua avó. Tenta pistas da única testemunha que acusa jornalista Garcia, ex-amigo do pai da criança.

C: AJ, você contou uma mentira?
[criança acena positivamente]

A1: Responda filho.

C: Tudo bem. Todos nós inventamos histórias. Mas hoje preciso que diga a verdade.

B1: Falei a verdade. Eu vi o senhor Garcia. Ele saiu correndo do porão.

C: Conhece a história do menino que gritava *lobo*?

B1: Ele dizia que o lobo tava lá, mas não tava. Aí ninguém ajudou quando o lobo foi lá de verdade.

C: Isso mesmo. Ele disse uma mentira e o lobo comeu o menino e, se não falar a verdade, o lobo vai voltar pra te comer.

A1: Mas o que é isso?

C: Você viu o senhor Garcia?

B1: Eu vi quando saiu correndo.

C: Quero que diga a verdade agora.

B1: Eu tô falando a verdade.

C: O lobo vai voltar e acabar te comendo, menino.

Tabela 9. S1E10: Carl Lightman abusa da Pressão Psicológica e Comete Erro ao Induzir Entrevistado Menor de Idade. Fonte: Star+

As Tabelas 10 e 11 ressaltam o poder que o detector de mentiras tem e o quanto a decisão sobre a verdade ou a mentira equivocada pode impactar no futuro de pessoas. Na Tabela 10 tem-se uma tentativa de suicídio ocasionada por precipitação de Gillian ao interpretar emoção isolada de tristeza e, na Tabela 11, equívoco causado por comportamento autoritário e sem cautela de Lightman, que condenou um inocente à pena capital. Ainda segundo os autores, o cuidado é essencial e o debate ético deve ser

levantado, diferente da precipitação demonstrada nas cenas em questão. De acordo com [3,18], o examinador eficiente precisa manter o equilíbrio entre o papel de perito e a ignorância e inocência, devendo agir de maneira culta e não se sentir muito confiante a respeito de suas interpretações para o significado de um comportamento. Nas cenas em questão, têm-se, portanto, contradições: na Tabela 10, Foster demonstra que sua imperícia em duvidar de uma conclusão própria acerca da emoção da garota ocasionou em desastre e, na Tabela 11, a precipitação de Lightman ocasionou uma pena de morte para alguém que, posteriormente, e sob suas suspeitas, veio a ser constatado inocente.

26min 35s – 26min 45s

Personagens: Ria Torres; Eli Locker; Gillian Foster; Stacey (estudante menina por volta dos 12 anos);

Contexto e local: Em banheiro, grupo vai ao encontro de garota vítima de bullying e acusada de ameaçar colegas através de vídeo após entrevista gatilho tocante.

R: Stacey.

E: Sem pulsação.

G: Meu Deus! Meu Deus! Eu não percebi. Eu interpretei errado a tristeza. Não era tendência homicida. Era tendência suicida. Meu Deus!

Tabela 10. S2E5: Gillian Foster se confunde em análise de mentira e põe em risco a vida de entrevistada. Fonte: Star+

1min 50s – 2min 02s

Personagens: Carl Lightman; Plateia, H6 – condenado por homicídio (homem branco por volta dos 50 anos);

Contexto e local: Em prisão, Carl assiste à execução de um homem preso em acusação envolvendo sua ex-esposa como advogada e que ajudou a prender. Posteriormente, Carl se arrepende e admite ter errado apesar de ser tarde demais.

H6: Eu não peguei o pequeno Henkins. Foi o flautista.

C: Preciso falar com o governador. É que ele falou a verdade quando disse que não pegou o garoto.

Tabela 11. S2E19: Carl Lightman percebe erro em decisão tarde demais. Fonte: Star+

Na cena da Tabela 12, Locker e Foster são convidados para avaliar a veracidade do discurso de um atleta acusado do crime de aceitar suborno. Nela há o correto uso associado de dois critérios: o primeiro é a linguagem corporal, ao referir sobre a bola que funciona como barreira inconscientemente formada como maneira de se proteger e, até mesmo, esconder por ansiedade [18]. E o segundo, a voz: critério também já mencionado e que ao oscilar em velocidade pode também ser indício de engano [3]. Simultaneamente, Gillian Foster e Eli Locker ressaltam, à semelhança de referência [13], a natureza indeterminada da ansiedade manifestada pelo avaliado ao

ser categorizado como um atleta desonesto devido à aceitação de suborno. Aprofundando essa perspectiva, embasados também em fontes da literatura, notadamente [18], eles destacam que a abordagem científica sobre a detecção de mentiras é intrinsecamente complexa e distante de ser um processo mágico.

7min 58s – 8min 40s
<p>Personagens: Eli Locker; Carl Lightman; Gillian Foster; homem branco por volta dos 45 anos – H7; jogador de basquete profissional negro por volta dos 30 anos – J.</p> <p>Contexto e local: Eli e Gillian são convidados para avaliar discurso de jogador de basquete acusado de aceitar suborno. Gillian dá um limite em sua interpretação, dando uma tonalidade científica ao discurso. Conversa se passa em estádio de basquete.</p> <p>H7: Doutora Gillian Foster e seu colega Eli Locker.</p> <p>J: Ah! As pessoas da mentira, né?</p> <p>G: Está mais pra pessoas da verdade. Mas depende do caso.</p> <p>G: Tem tempo para conversar?</p> <p>J: Sabe, eu tenho que levar meu irmão pra casa. Tenho uma prova de economia amanhã e eu preciso estudar. Mas liguem para o meu celular. Eu quero limpar meu nome.</p> <p>G: Obrigada.</p> <p>J: Vamos ver se você sabe, em? Vamos lá, vamos lá.</p> <p>H7: Conseguiram alguma coisa?</p> <p>E: A fala foi apressada. E reparou que ele levou a bola ao peito criando uma barreira entre nós? Ambos os sinais de ansiedade.</p> <p>G: Qualquer atleta universitário sentiria o mesmo ao ser acusado de suborno. Não somos mágicos. Só cientistas. Temos que conversar com ele e os investidores para detectar algum sinal de mentira.</p>

Tabela 12. S1E2: Gillian Foster tem pé atrás para tomar decisão. Fonte: Star+

A **Tabela 13** pontua um momento da série em que o autor psicoeduca os telespectadores de maneira coerente e eficiente. Na cena em destaque, o Grupo Lightman palestra para autoridades coreanas acerca de tendências perigosas que podem ser observadas no terrorista que atenta contra o presidente da Coreia do Sul. A questão cultural é frequentemente fomentada pelos autores [3,13,18]. Conforme Ekman pontua, a velocidade, o tom e o volume da fala, bem como o uso das mãos e do rosto para ilustrar o que é dito são influenciados, em certa medida, pela cultura através de estilos próprios pré-estabelecidos [13]. Por outro lado, em [14] Paul Ekman postula a convergência entre os teóricos acerca da universalidade de cinco emoções [14], assim como foi diferenciado na série pelos personagens Gillian Foster e Carl Lightman ao falarem da expressão incontrolável em questão: exatamente a raiva exemplificada pela pessoa do vídeo que estava sendo apresentado. A referida visão é compartilhada por outros autores [27].

Assim sendo, de maneira geral, foi encontrado um maior número de cenas enquadradas no critério Movimentos Faciais – verificar **Tabelas 5, 6, 10 e 13**. Tal situação é evidente e explicável pela relevância dos escritos de Paul Ekman para a contextualização da mentira e de sua identificação, bem como para elaboração do roteiro videográfico em questão [23]. O mais relevante é o fato de que essa situação mexe corretamente com o

imaginário popular, isto é, psicoeducam, pois as expressões mais levantadas estão dentro das expressões universais, de acordo com os próprios autores [13]: tristeza, raiva e surpresa – verificar **Tabelas 5, 10 e 13**. Nesse sentido, o estudo das emoções toma um papel central na identificação do engano para [13], além de que o próprio protagonista Lightman assume as expressões faciais como determinantes para o trabalho de reconhecimento – verificar **Tabelas 5 e 6**. Além do mais, as cenas de respaldo se ligam principalmente à primeira temporada – verificar as cenas nas tabelas e suas temporadas respectivas.

1min 49s – 2min 31s
<p>Personagens: Público de seguranças e funcionários da realeza oriental (homens orientais adultos) - S; Carl Lightman; Gillian Foster;</p> <p>Contexto e local: O Grupo Lightman é solicitado a analisar tendências perigosas por meio de microexpressões de suspeitos de atentado anunciado contra candidato à presidente da Coreia do Sul. Em local desconhecido, Carl introduz microexpressão que, segundo ele, prediz ataque de violência premeditado.</p> <p>S: Os coreanos não gostam de demonstrar emoção. É humilhante. Será que um atirador coreano faria essa expressão?</p> <p>G: Você está falando de mostrar regras. Na cultura ocidental, a regra é olhar nos olhos quando fala com alguém. Na Coreia, isso é considerado grosseiro. Então as pessoas não olham. Mas essa expressão não depende de escolha.</p> <p>C: É involuntário. Não dá pra controlar. E a nacionalidade é irrelevante. Se você vir essa expressão no rosto de alguém e não impedir, é isso que pode acontecer [Carl mostra vídeo de assassinato à plateia]. Alguma pergunta?</p>

Tabela 13. S1E4: Carl ressalta a influência das questões culturais na linguagem corporal e a universalidade da expressão de raiva/fúria. Fonte: Star+

A série explícita, em alguns raros momentos observados, o quanto comportamentos precipitados e individualistas de Lightman, bem como a falta de cautela por parte dos outros profissionais envolvidos podem ser prejudiciais e negativos – verificar **Tabelas 10 e 11**. Além disso, o quanto Lightman é agressivo e intimidador, assim como verificado na **Tabela 9** trazido no artigo. Essa característica do personagem, inclusive cabe ressalva, pois uma das convergências na literatura é a importância de não pressionar demais o entrevistado devido à possibilidade de manifestação de ansiedade por pressão psicológica e não pela mentira em si [3,13]. Outro ponto de divergência com a bibliografia estudada e as atitudes de Lightman está na necessidade que ele tem de revelar que já identificou a mentira. Segundo os autores [13,18], isso tem diversos impactos negativos, especialmente na possibilidade de identificação de uma outra mentira futura do entrevistado – verificar **Tabela 9**.

Entretanto, é necessário levantar que, em alguns momentos analisados e, em geral, por parte da Gillian Foster e outros personagens, há um pé atrás nas decisões precipitadas – verificar **Tabela 12**. Esses momentos são importantes não só para mostrar aos telespectadores que a

ciência da identificação de mentiras também é falha e passível de erros, como também para dotar a série de um caráter mais verídico e experimental.

4. CONCLUSÃO

Embora as cenas analisadas revelem um profundo embasamento científico na série, os roteiros também incorporam elementos de entretenimento que exageram a temática da identificação de mentiras. Esses aspectos sensacionalistas da abordagem tornam a série fascinante, despertando a curiosidade do espectador e criando uma sensação de controle. A detecção de mentiras é retratada de forma caricata, como uma habilidade sobre-humana ou um superpoder, como pode ser observado nas **Tabelas 2, 5, 6 e 7**.

Por outro lado, as cenas das **Tabelas 4 e 8** desconsideraram a recomendação de uma detecção da mentira a partir dos multicanais de comunicação recomendada em consenso pelos autores [3,13,15,17,18]. Ademais, os personagens passam por cima da literatura ao apontar, em especial, por parte do protagonista Carl Lightman, conclusões precipitadas a partir de comportamentos e sinais isolados – verificar **Tabelas 5, 6 e 7**. Dessa maneira, a série transparece a possibilidade de fantasiar ideias e conceitos muito subjetivos e tendenciosos sem respaldo suficiente, induzindo a equívocos que podem com frequência não estar corretos e impactar negativamente na real identificação de mentiras assim como salientado em [3], dificultando o trabalho de peritos forenses e, assim, prejudicando a integridade da justiça, haja vista a confusão feita com os conhecimentos e vestígios psicológicos tão importantes para a ciência forense e criminologia [21, 22].

Além disso, ainda que tenha tido forte supervisão de Paul Ekman [23] em sua primeira temporada, a série se tornou prejudicial pela divulgação de conhecimento inverídico em momentos analisados – verificar **Tabelas 5 e 7**, prova disso são também os estudos anteriores feitos com a audiência, quando se observou, por meio de pesquisa empírica, que os telespectadores de *Lie To Me* tiveram sua habilidade em detectar mentiras reduzida após assistirem à série [28]. Faz ainda o telespectador imaginar que pode estar no controle de todas as situações em questão – verificar **Tabelas 5, 6, 11 e 13** - assim como o faz o personagem principal e personificação de Paul Ekman na série: o famigerado Carl Lightman [23], incorrendo em conclusões equivocadas assim como observado no estudo [28]. Além disso, conseqüentemente é imprescindível levantar os impasses decorrentes das conclusões equivocadas que giram em torno de impactos sobre a vida de outras pessoas – **Tabelas 10 e 11**. Deve-se fomentar a cautela, especialmente nos contextos criminais, semelhantes àqueles expostos na série.

Finalmente, deve-se levantar dois grupos de implicações relevantes. Em primeiro lugar, tem-se os impactos de ordem simplesmente categórica. Isto é, deve se ter em mente que a série traz uma romantização voltada para o entretenimento midiático. Dessa maneira, visa chamar a atenção do telespectador para o conteúdo, sendo, por isso, muitas vezes espetacular sem informação científica [1]. Assim sendo, traz acertos em diversos casos criminais estudados por Lightman – verificar **Tabelas 5 e 9**. Por outro lado, sabe-se que, na realidade, os acertos são muito menores. Ainda que usando as técnicas conhecidas de identificação de mentiras e o protocolo multicanais, o engano passa, muitas vezes, despercebido, assim como o discurso verdadeiro é, com frequência, também confundido com o discurso enganoso e, por isso, a cautela é essencial [13].

Em segundo lugar e, como impacto de tudo isso, tem-se que as questões éticas envolvidas tomam uma proporção significativa e, em certa medida, implicam em resultados de julgamentos precipitados que alteram cursos e rumos de pessoas por toda uma vida. Em especial, quando se fala no contexto jurídico e criminal abordado na série, pois se observa ali penas de privação de liberdade e, até mesmo, sentenças de execução – verificar **Tabelas 5 e 11**.

Apesar de terem trazido muitas informações interessantes e verdadeiras, em especial no tocante à introdução das expressões faciais para o grande público - verificar **Tabelas 5, 6, 10 e 13** – as cenas analisadas assumem uma faceta prejudicial ao transparecerem, para o imaginário do grande público, que o indivíduo que aprenda as técnicas de observação de discurso e de comunicação verbal e não-verbal tem um poder sobre-humano e estará certo ao usar de argumentos isolados, capturando o culpado pelo crime. Ainda que a literatura traga a extrema necessidade de cautela por parte dos envolvidos na identificação de mentiras e a margem de erro significativa que deve ser considerada [13]. Ademais, a questão ética deve ser fortemente trabalhada por parte dos peritos que se envolvam com a identificação de mentiras, não se deixando levar pelo sensacionalismo trazido na série *Lie to Me*. Especialistas em linguagem facial, corporal, bem como outros peritos que trabalham com isso tal que os telespectadores em geral devem ter uma visão crítica acerca das atitudes de Lightman e seus amigos, tomando cautela nas decisões e tendo sempre a consciência de que a detecção de mentiras é uma ciência falha e passível de erros [18].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] P. A. de Jesus. *A ciência por trás de "LIE TO ME."* Blogseries (2020) Retirado Em 05/03/2023, de <https://www.psicologiaemseries.com.br/post/a-ci%C3%A2ncia-por-tr%C3%A1s-de-lie-to-me>

- [2] I. L. Sarubo. Itu.com.br. (n.d.). Roteiro fluuante de Lie To Me desperdica talento de Tim Roth (2011). Retirado em 05/03/2023, de <https://www.itu.com.br/cinema/noticia/roteiro-fluuante-de-lie-to-me-desperdica-talento-de-tim-roth-20111129>.
- [3] M. Portella. Como identificar a mentira: Sinais não verbais da dissimulação (2013). *QualityMark, Brasil*.
- [4] R. Wiseman, C. Watt, L. ten Brinke, S. Porter, S.-L. Couper, C. Rankin. The Eyes Don't Have It: Lie Detection and Neuro-Linguistic Programming. *PLoS ONE*, **7(7)**, e40259 (2012). Retirado em 05/03/2023, de <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0040259>
- [5] Y. B. P. Leite. Correlação entre identificação de emoções e detecção de mentiras. *Dissertação de Mestrado*, Departamento de Processos Psicológicos Básicos Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, Universidade de Brasília Instituto de Psicologia (2014). Retirado em 05/03/2023, de <https://core.ac.uk/download/pdf/33548168.pdf>
- [6] A. Vrij, M. Hartwig,, P. A. Granhag. Reading Lies: Nonverbal Communication and Deception. *Annual Review of Psychology*, **70(1)**: 295–317 (2019). Retirado em 05/03/2023, de <https://www.nationalcac.org/wp-content/uploads/2020/01/Reading-lies-Nonverbal-communication-and-deception.pdf>
- [7] A. Nortje, C. Tredoux. How good are we at detecting deception? A review of current techniques and theories. *South African Journal of Psychology*, **49(4)**: 491–504 (2019). Retirado em 05/03/2023, de <https://psycnet.apa.org/record/2019-77839-004>
- [8] A. Facioli. *A prática pseudocientífica de Paul Ekman e seus seguidores*. Universo Racionalista (2021). Retirado em 05/03/2023, de <https://universoracionalista.org/pratica-pseudocientifica-de-paul-ekman-e-seus-seguidores/>.
- [9] M. M. de Gois, J. A. R. Bispo., M. J. Santos, N. M. Santos, J. M. J. Santos, C. P. H. A. R. César. Estudo piloto da detecção da mentira pela análise da fluência: é possível? *Research, Society and Development*, **10(10)**, e534101019114 (2021). Retirado em 05/03/2023, de <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/19114/17120/235506>
- [10] P. Ekman; W. Friesen; M. O'Sullivan. Smiles when lying. *Journal of Personality and Social Psychology*, **v. 54, n. 3**: p. 414–420 (1988). Retirado em 05/03/2023, de <https://psycnet.apa.org/record/1988-16826-001>
- [11] M. O'Sullivan, P. Ekman. The Wizards of Deception Detection. In: GRANHAG, P.; STROMWALL, L. *The Detection of Deception in Forensic Contexts*. Cambridge: Cambridge University Press, p. (269)-(286) (2004). Retirado em 05/03/2023 de <https://www.paulEkman.com/wp-content/uploads/2014/06/WizardsOfDeceptionDetection.pdf>
- [12] M. Portella, C. Clarck. Sinais não-verbais da dissimulação: inatos ou adquiridos? *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, **6(2)**: 6–20 (2006). Retirado em 05/03/2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812006000200002
- [13] P. Ekman. Telling lies : clues to deceit in the marketplace, politics, and marriage (2009). *W.W. Norton*.
- [14] P. Ekman. What Scientists Who Study Emotion Agree About. *Perspectives on Psychological Science*, **11(1)** :31–34 (2016). Retirado em 05/03/2023, de <https://www.paulEkman.com/wp-content/uploads/2013/07/What-Scientists-Who-Study-Emotion-Agree-About.pdf>
- [15] D. Archer, C. Lansley. Public appeals, news interviews and crocodile tears: an argument for multi-channel analysis. *Corpora*, **10(2)**: 231–258 (2015). Retirado em 05/03/2023, de <https://doi.org/10.3366/cor.2015.0075>
- [16] L. Su; M. Levine Does “lie to me” lie to you? An evaluation of facial clues to high-stakes deception. *Computer Vision and Image Understanding*, v. 147, p. 52–68, jun. 2016. (2013). Retirado em 09/03/2023, de: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1077314216000345?via%3Dihub>
- [17] P. Meyer. Detector de Mentiras: técnicas de interpretação da linguagem corporal e da fala (2017). *Nobilis*
- [18] Craig, D. Como Identificar Um Mentiroso (2019). *Pensamento-Cultrix*.
- [19] P. A. Costa, A. Gallo. Uma Análise da Utilização da Mentira: Aspectos Verbais e Não-Verbais (2022). Retirado em 09/03/2023, de https://www.researchgate.net/publication/337051470_UM_A_ANALISE_DA_UTILIZACAO_DA_DETECCAO_D_A_MENTIRA_ASPECTOS_VERBAIS_E_NAO_VERBAIS
- [20] R. Vika. Meaning and Pragmatism: the Violations of Maxims in Truth Analysis in the TV Series Lie to Me (2010). *Paradigma, Jurnal Kajian Budaya*, **3(2)**: 181 (2016). Retirado em 09/03/2023, de: <https://scholarhub.ui.ac.id/cgi/viewcontent.cgi?article=1216&context=paradigma>
- [21] J. H. E. de Santana, C. T. A. de Rosa, M. C. C. C. Krause. Psicologia Forense e sua relevância na Perícia Criminal. *Revista Brasileira de Criminalística*, **11(2)**: 7–13 (2022). Retirado em 09/03/2023, de <https://doi.org/10.15260/rbc.v11i2.379>
- [22] J. J. Walczyk, N. Sewell, M. B. Di Benedetto. A Review of Approaches to Detecting Malinger in Forensic Contexts and Promising Cognitive Load-Inducing Lie Detection Techniques. *Frontiers in Psychiatry*, v. 9, n. 700 (2018). Retirado em 09/11/2023, de

<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsy.2018.0700/full>

[23] R. Roveran. *Crítica – Lie To Me (Engana-me Se Puder) – Primeira temporada*. (2018). Retirado em 09/03/2023,

de <https://roveran.wordpress.com/2018/04/02/critica-lie-to-me-engana-me-se-puder-primeira-temporada/>

[24] J. C. Borsa, Considerações Sobre o Uso do Teste da Casa-Árvore-Pessoa - HTP. *Avaliação Psicológica*, **9(1)**: 151–154 (2010). Retirado em 09/03/2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000100017

[25] R. B. da Silva. A mentira tem perna curta? Elementos prosódicos como pistas para identificação de discurso enganoso. *Dissertação de Mestrado*, Departamento de Letras, Universidade Federal de Alagoas (2018). Retirado em 09/03/2023, de: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/3231/1/A%20mentira%20tem%20perna%20curta%3F%20Elementos%20pros%C3%B3dicos%20como%20pistas%20para%20identifica%C3%A7%C3%A3o%20de%20discurso%20enganoso.pdf>

[26] R. L. Tarouco. Técnicas de detecção da mentira em neurociências: uma revisão sistemática. *Dissertação de Mestrado*, Departamento de Letras, Universidade Federal do Paraíba (2020). Retirado em 09/03/2023, de https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/22636/1/RodrigoLessaTarouco_Dissert.pdf

[27] E. Kandel, J. Schwartz, T. Jessell, S. Siegelbaum, A. J. Hudspeth. *Princípios de Neurociências - 5.ed.* (2014). *AMGH Editora*.

[28] T. R. Levine, K. B. Serota, H. C. Shulman. The Impact of Lie to Meon Viewers' Actual Ability to Detect Deception. *Communication Research*, **37(6)**: 847–856 (2010). Retirado em 09/03/2023, de <https://doi.org/10.1177/0093650210362686>